

Apesar de pressão, China desconversa sobre câmbio

Andrew Batson

Um número crescente de líderes mundiais está pedindo à China que pense no longo prazo e permita a valorização de sua moeda, rigidamente controlada. Mas encontram relutância de um governo que continua muito preocupado com a economia no curto prazo.

O presidente americano, Barack Obama, e Dominique Strauss-Kahn, diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, em visitas separadas a Pequim ontem, disseram a autoridades chinesas que, se elas cedessem às pressões do mercado para valorizar o yuan, ajudariam a recuperação econômica mundial. Contudo, o presidente chinês, Hu Jintao, não anunciou a Obama nenhum novo compromisso de política cambial, e outras autoridades e economistas chineses continuam a defender a política chinesa de manter a cotação fixa do yuan frente ao dólar.

Essas conversas ressaltam como a política da China para o câmbio voltou ao centro dos debates sobre política econômica mundial, após ficar em segundo plano por algum tempo devido à crise financeira. Apesar de Hu, Obama e outros líderes terem prometido cooperar para tirar a economia mundial da recessão mais profunda em uma geração, coordenar políticas econômicas de países muito diferentes continua sendo uma tarefa difícil. O alto desemprego torna o comércio com a China uma questão política volátil nos EUA, mas forças semelhantes também tornam difícil para a China ceder à pressão americana em relação à moeda.

Um yuan mais forte, que tornaria as exportações chinesas menos competitivas, não é nada atraente para a China, em especial num ano em que as exportações caíram cerca de 20% e muitos fabricantes fecharam as portas. E os líderes chineses, que criticaram a administração econômica dos países ricos, podem achar politicamente difícil ceder a exigências sobre a moeda.

Por outro lado, a economia da China se recuperou antes que a da maioria dos países. Na prática, o yuan está atrelado ao dólar, que está em queda - o que implica que o yuan caiu muito em relação a outras moedas - e isso está gerando queixas de concorrentes ao redor do mundo de que a China tem uma vantagem desleal. Alguns economistas temem que o dinheiro extra que entra na economia devido ao yuan barato, além do enorme estímulo dado por governos, possa gerar novas bolhas nos mercados imobiliário e acionário.

"É preciso equilibrar as necessidades de curto prazo com as de longo prazo", disse Strauss-Kahn. Manter o yuan baixo pode ajudar as exportações no curto prazo, diz ele, mas impõe outros custos. Por exemplo, uma moeda subvalorizada incentiva as empresas a fazer investimentos que podem não ser viáveis quando a moeda subir. "Se você tem preços errados, toma decisões erradas, em especial em relação a investimentos de longo prazo", disse Strauss-Kahn.

"Agora é a hora de a China, depois de acumular muitas vantagens com sua moeda subvalorizada, olhar mais adiante para os investimentos e a estabilidade de longo prazo", acrescentou. Uma moeda mais forte também aumentaria o poder aquisitivo das famílias chinesas, disse, apoiando os esforços do governo para tornar o crescimento econômico menos dependente das exportações.

As autoridades chinesas costumam responder que grandes alterações na taxa cambial podem prejudicar as empresas e causar transtornos na economia, o que preocupa ainda mais numa época em que a confiança está frágil. Os chineses às vezes comparam a estabilidade da taxa de câmbio do yuan - que facilita para as empresas planejar para o futuro - com as amplas variações na cotação do dólar.

"O fato de que a China mantém uma taxa cambial basicamente estável é, na realidade, positivo para a recuperação econômica mundial", disse Yao Jian, porta-voz do Ministério do Comércio chinês, falando a repórteres na segunda-feira. "Se o pedido é que outras moedas se fortaleçam, enquanto se permite que o dólar continue fraco, isso não é muito justo."

As autoridades chinesas não estão totalmente fechadas aos argumentos em favor de um yuan mais forte. Em nota oficial que muitos interpretaram como uma concessão ao temor crescente com o yuan, o Banco do Povo da China afirmou na semana passada que a política cambial passaria a levar em conta "mudanças nos fluxos internacionais do capital e as tendências das principais moedas".

Ainda assim, muitos analistas privados não acreditam que uma alteração no yuan seja iminente. As autoridades podem se sentir mais livres para mexer no câmbio uma vez que as exportações voltem a crescer e a inflação se torne positiva - mudanças que podem ocorrer no início do ano que vem. Nos próximos meses, a China terá de informar aos outros membros do Grupo dos 20 como pretende aumentar o consumo das famílias.

Embora o governo chinês esteja publicamente mais confiante quanto ao vigor da recuperação, o crescimento ainda depende muito dos programas governamentais de estímulo. "A China precisa que a economia americana se recupere bem e renove o crescimento de suas importações. Do contrário a China terá muita dificuldade para sustentar sua recuperação", disse Eswar Prasad, economista da Universidade Cornell, dos EUA.

Essa é uma das principais razões pelas quais a China reluta em valorizar sua moeda agora. Justin Yifu Lin, economista-chefe do Banco Mundial e ex-consultor do governo chinês, já argumentou que, se um yuan mais forte matar a recuperação das exportações chinesas, isso poderá enfraquecer toda a economia da China e ter impacto negativo no crescimento mundial.



Fonte: Banco de Compensações Internacionais

Valor Econômico, São Paulo, 18 nov. 2009, Primeiro Caderno, p. A13.